

## DO TRIVIAL

VILEM FLUSSER

O intelecto, para poder funcionar, necessita de um ambiente que consiste de elementos repetitivos. Estes elementos podem ser comparados, organizados e classificados. enfim, manipulados pelo intelecto. Num ambiente de elementos singulares, únicos, o intelecto deixa de funcionar. Um elemento singular é milagroso, não pode ser manipulado intelectualmente, já que não admite comparação, organização e classificação. O intelecto está jogado num ambiente misto que consta tanto de elementos repetitivos como de elementos singulares. O intelecto tende, portanto, a salientar os repetitivos e a eliminar os únicos. Tomemos como exemplo a história da humanidade. Ela consiste de fenômenos repetitivos (o ciclo das gerações, o ciclo das sociedades, o ciclo dos estilos de arte, o ciclo das religiões) e de fenômenos singulares (catástrofes, gênios, revelações e incurções aparentemente extra-humanas). Os fenômenos repetitivos servem como elementos para um trabalho intelectual, a saber, para o "conhecimento da história". Os fenômenos singulares são eliminados, como milagres que são, ou são falsificados pelo intelecto, para poderem ser transformados em repetitivos. O produto deste trabalho intelectual é o descobrimento das leis da história. É evidente, portanto, que essas leis não são "leis da história", mas "regras do intelecto historiador". Com esta distinção ontológica, convido o leitor a contemplar comigo o momento atual.

A história da nossa civilização é dividida, tradicionalmente, em três segmentos enormes: o clássico, o medieval e o moderno. O moderno é uma repetição, um renascimento do clássico. A tentação é forte, portanto, de profetizar uma quarta época, prestes a irromper, que será uma repetição, um renascimento da Idade Média. Com efeito: os traços que caracterizam a Idade moderna começam a apagar-se da face da nossa civilização e surgem novos. Serão medievais esses novos traços? Os leitores que porventura acompanharam meus artigos neste "Suplemento" devem ter notado o meu esforço em descobrir um renascimento da Idade Média como explicação da atualidade. Tentei encerrar o nojo e a angústia como pecados capitais, as diversões como virtudes evangélicas, a especulação ontológica como busca do diabo, o neo-positivismo logicista como nominalismo, o existencialismo como maniqueísmo. Certamente a pesquisa pode ser estendida a outros campos. Considerem, por exemplo, o renascimento do "preço justo" (Cofap), da "arte pia" ("*enagápe*") e da vida monástica

latina, bem entendido, porque o linguajar bárbaro e corrupto dos serros e da aristocracia feudal não era considerado propriamente "língua". O aluno, quando admitido na escola, era, "ipso facto", separado do mundo da barbárie e introduzido na clareza civilizada da latinidade, isto é, na prática do clero. A língua latina, língua do clero, era simultaneamente a língua santa da Igreja e a língua elegante da civilidade romana. As três vias da escola da trivialidade eram, portanto, a gramática, a lógica e a retórica do latim, isto é, a lógica, a gramática e a retórica da santidade e elegância. Em outras palavras: as três artes liberais triviais eram a iniciação ao sacerdócio. Sendo o latim elegante e santo, "*kailos kai agathos*" (belo e bom), eram as três artes liberais as três vias rumo a Deus. Mas, a lógica e a gramática da língua latina são fundamentalmente sinônimos. A distinção entre ambas as disciplinas era talvez um tributo pago a Aristóteles. "o filósofo", cuja lógica era grega, embora obviamente ensinada em latim pela escola: "*Barbara celarent darii ferioque prioris*". (Esta frase que simboliza o silogismo é tipicamente trivial no sentido medieval desse termo. Embora pertencente à lógica e gramática, é hexametricamente elegante). Devemos, portanto, concluir que a escola medieval, como a especulação atual, propõe dois caminhos em face à trivialidade do mundo: gramática e retórica. Sugiro que "gramática" seja o equivalente medieval do nosso nojo, e "retórica" do nosso terror angustiante.

A gramática da língua latina, como foi praticada pela escola medieval, era um repisar nojento e tedioso do eternamente idêntico, e desvendava a tautologia da língua. Desvendava, portanto, a tautologia do intelecto. O refinamento lógico e o tédio insuportável das querelas escolásticas são consequência desta via gramatical da trivialidade. A retórica, como foi praticada pela escola medieval, era uma evocação plástica e terrível dos horrores do inferno "*ad edificandum populi*". Os gramáticos medievais eram, portanto, equivalentes aos nossos logicistas e aos nossos matemáticos puros. E os retóricos medievais eram equivalentes aos nossos existencialistas e surrealistas. Estes paralelos se tornam evidentes, se compararmos seus produtos. As tabelas lógicas dos escolásticos lembram as tabelas dos cálculos formais avançados. A análise meticolosa das frases bíblicas lembra a análise logicista das frases científicas feita por um Russell ou um Carnap. As prédicas retóricas de um Savonarola e as descrições sangrentas das tentações dos santos lembram cenas de um Camus e um Sartre. E os produtos plásticos dessa retóri-

e fascistas). Neste artigo pretendo esboçar uma análise do conceito da trivialidade, tão tipicamente medieval e tão característico da atualidade.

A palavra latina "trivium" significa encruzilhada. Na Idade Média significava três das artes liberais: gramática, lógica e retórica. As quatro restantes, o "quadrivium", são: aritmética, música, geometria e astronomia. Também "quadrivium" em latim traduz-se por encruzilhada. Na Idade Moderna "trivial" significa vulgar, corriqueiro. Atualmente, o trivial é tema da especulação existencial e do surrealismo. Vejamos se descobrimos o aspecto medieval no conceito atual da trivialidade.

As coisas que me cercam são triviais porque não lhes presto atenção, porque as desprezo. Nada mais trivial do que a mosca que passeia pela minha máquina de escrever. Entretanto, se dirijo minha atenção para ela, se a contemplo, ela se torna monstruosa. Os seus olhos compostos arregalados, a sua tromba espiral cobigosa, as suas seis pernas viscosas, me encham de terror e espanto. Mas, terror e espanto, são o sinal do começo daquele processo que chamamos "pensamento filosófico". A contemplação do trivial, é, pois, o começo da filosofia. O surrealismo é a contemplação estética do trivial. Torna monstruosas as coisas que me cercam. O existencialismo é a contemplação intelectual do trivial. O mundo que me cerca revela, nessa contemplação, nesse repentino "ser para mim", o terror do nada do qual surgiu. Por que então, já que a contemplação do mundo trivial me enche de terror, por que o contemplo? Porque o mundo trivial, desprezado e não contemplado por mim, portanto como "ser em si", me enche de nojo. Não suporto viver no mundo das trivialidades corriqueiras, das xicaras de café, dos onibus, das canetas-tinteiro, das conversas fiadas. O tédio e o nojo desse mundo me esmagam. Então me resolvo a contemplá-lo. Surrealisticamente, como num pesadelo, a xicara de café abre a sua goela num riso silencioso, o onibus me fita com seus faróis idiotas, a caneta-tinteiro aponta, qual lança, o seu bico contra o papel pronta a rasgá-lo, e a conversa fiada sobe, qual maré alta, para engolir os participantes. O tédio e o nojo foram substituídos pelo terror angustiante. Estou no mundo de Kafka. Sugiro ao leitor, que a escolha entre nojo e angustia é problema alheio à Idade Moderna, mas característico da atualidade. E sugiro mais, que este problema encontra paralelos na Idade Média.

O mundo trivial se estende diante de mim como uma encruzilhada, um "trivium". A especulação atual estipula uma bifurcação de caminhos: o caminho do nojo e o caminho da angustia. O uso medieval da palavra "trivium" parece apontar três caminhos: o gramática, a lógica e a retórica. Serão, entretanto, realmente três os caminhos? Não serão, muito pelo contrário, a lógica e a gramática fundamentalmente o mesmo caminho? — As três "artes liberais triviais" da escola medieval são, no fundo, três tipos de pesquisa da língua. Da língua

drais, as iluminuras dos pergaminhos e as visões terrificantes de um Brueghel, lembram as pinturas e os filmes dos nossos surrealistas. A reação medieval face à trivialidade era, portanto, equivalente à nossa.

Existe, entretanto, uma diferença básica: a Idade Média superava a trivialidade pela fé, enquanto que nós nos sufocamos nela. Neste sentido realmente a Idade Média dispunha de três vias, quando para nós restam apenas duas. Temos o caminho da decadência, do nojo, do eternamente idêntico, e temos o caminho "autêntico" do terror, do espanto face ao nada. A Idade Média dispunha da terceira via: do sacrifício do intelecto. Esta terceira via é nos vedada, porque se apresenta como "inautêntica" do nosso ponto de vista. Temos os nossos Savonarolas e temos os nossos Duns Scotus. O que nos falta são os nossos São Franciscos. A nossa trivialidade não passa, com efeito, de uma bivalidade. Toda procura da atualidade pode ser interpretada como procura dessa terceira via. Neste sentido, podemos dizer que uma nova Idade Média ainda não surgiu. Somos uma época de transição. As categorias do pensamento da Idade Moderna perderam para nós, em grande parte, seu significado. As categorias medievais ressurgem, embora transfiguradas. A trivialidade do mundo nos oprime, como oprimia aos medievais. O nojo da especulação formal medieval e a angustia da especulação existencial medieval são nosso clima. Mas falta-nos ainda a visão celestial que tornou suportável a trivialidade do mundo na Idade Média e resultou em edifícios como a catedral de Chartres, a Summa Theologica e a Pirâmide Eclesiástica. É esta falta de visão que tornam insignificantes os Rockefeller Center, os Principia Mathematica e a Organização das Nações Unidas, se comparados com os seus equivalentes medievais. Esses edifícios são triviais num sentido que a Idade Média tinha superado. O renascimento da Idade Média é um processo lento e penoso. A palavra "Idade Média" ainda evoca, em nossa mente, a imagem de escuridão e sofrimento. Isto é um preconceito do espírito "moderno". Escuridão e sofrimento caracterizam muito mais a atualidade que a Idade Média. São sintomas da transição difícil por que estamos passando. Embora não possamos ainda vislumbrar a saída da trivialidade dentro da qual nos debatemos, podemos contemplar o paralelo que a Idade Média nos oferece. E se nos conseguirmos libertar dos preconceitos, essa contemplação é alentadora.